

Conclave

Série Devil's Night

Autora *Best-Seller* do New York Times

PENELOPE DOUGLAS



PENELOPE DOUGLAS

Conclave

Traduzido por Marta Fagundes

1ª Edição



2021

Copyright © Penelope Douglas, 2019

Copyright © The Gift Box, 2021

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Gerente Editorial:

Solange Arten

Arte de capa:

Bianca Santana

Tradução:

Marta Fagundes

Revisão:

Ana Lopes

Revisão final:

Equipe The Gift Box

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

D768c

Douglas, Penelope
Conclave [recurso eletrônico] / Penelope Douglas ; tradução Marta
Fagundes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2021.
recurso digital

Tradução de: Conclave
Formato: mobi
Requisitos do sistema: conteúdo autoexecutável
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5636-065-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Fagundes, Marta. II. Título.

21-70124 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Sumário

[Início](#)

[Nota de autora](#)

[Parte 1](#)

[Parte 2](#)

[Cena bônus](#)

[Sobre a autora](#)



Nota da autora

Conclave é uma novela que se passa entre *Kill Switch* e *Nightfall*. Contém inúmeros *spoilers* de todos os livros anteriores da série *Devil's Night*. Se você é um amante dos Cavaleiros, eis aqui mais um título para acrescentar em sua coleção. Divirta-se!



Entro e jogo as chaves na mesinha lateral à porta de entrada enquanto sigo meu caminho até a cozinha. Imediatamente olho para o andar superior, notando que não há uma única luz acesa.

Se ela tiver me deixado, vou caçá-la até os confins da Terra, e se ela tiver levado meu filho, aí, sim, vou passar um tempinho ensinando uma lição a ela. Isto é uma merda. *Quando eu ligo, você atende. Quando meus homens lhe entregam o celular, você simplesmente faz a porra de um telefonema!* Não faço a menor ideia do que fiz dessa vez, mas vou ter que quebrar alguma coisa para evitar fazer isso com aquele lindo pescocinho.

Interrompi minha viagem e vim às pressas para casa, porque ela decidiu ignorar meus telefonemas e dar piruetas em cima da minha paz de espírito. *Mas que porra?* Eu sabia que deveria ter continuado solteiro. E eu sabia que sabia disso, porque é isso o que as mulheres fazem, não é verdade? Elas te enlaçam numa rede e dão um nó do caralho até que você já nem é

capaz de respirar, e...

Cerro os punhos, balançando a cabeça. *Besteira*. Isso é pura besteira!

Atravesso o vestíbulo em direção à cozinha, prestes a correr até a porta que faz conexão com a garagem, só para pegar algumas cordas para fazê-la se lembrar por quem ela está apaixonada, quando avisto uma pessoa no terraço e estaco em meus passos.

Está chovendo bastante. Quem estaria ali?

Resolvo dar uma olhada pela janela.

Heath Davis, um dos seguranças noturnos, contratados pelo Sr. Garin, está recostado contra a parede de tijolos, abrigado da chuva abaixo do imenso toldo. As mãos dele estão enfiadas em seus bolsos e um cigarro se encontra pendurado em sua boca. Fumaça flutua acima de sua cabeça, e, na mesma hora, umedeço meus lábios, tentando ignorar a necessidade ardente em minha língua. Quando você não desiste totalmente de fumar, torna-se mais difícil resistir ao cigarro, e esse é o problema.

O cabelo escuro e cuidadosamente penteado para trás brilha abaixo da luz flamejante do alpendre, e os olhos azuis estão voltados para o jardim, observando alguma coisa.

Sigo a direção de seu olhar de imediato.

Winter está de pé na piscina, mergulhada até a cintura, de costas para nós; as gotas de chuva golpeiam a superfície da água, o cabelo loiro grudado em sua pele.

Solto o fôlego que nem havia percebido que estava contendo. Ela está aqui.

Ela levanta os braços e os agita pela chuva do cair da noite, dando

um passo à direita. Seus braços acompanham seus movimentos quando ela se lança à esquerda.

Ela está dançando. Ela adora praticar na piscina, por conta do equilíbrio.

Mas então, observo quando ela puxa todo o cabelo por cima do ombro, revelando as costas nuas, e meu olhar vai descendo pela extensão de sua coluna, deparando com a nudez de sua cintura e quadris.

Levanto a cabeça, sentindo o sangue fervilhar. Ela não está usando nenhuma roupa.

Meu olhar se desvia para Davis. Ele mal consegue piscar, totalmente focado nela.

Quando mandei que ficassem de olho nela a todo instante, não foi isso o que quis dizer.

Winter se vira, ainda segurando o cabelo com as mãos, e seus braços cobrem os seios, mas percebo o tule branco que cobre seu rosto, e meu coração quase para. Aquilo é parte do figurino que ela usará em sua próxima apresentação, e ela está praticando com o tecido para se acostumar.

No entanto, usar apenas aquilo, sem nenhuma peça de roupa – e ela sabendo que eu não estava aqui –, me deixa puto da vida.

Vejo-a baixar os braços e balançar para o lado, estendendo as mãos para colher algumas gotas de chuva. Seu cabelo bagunçado, o tecido transparente em seu rosto, os seios perfeitos e sua pele...

Meu Deus, ela é surreal pra caralho. Com um toque que sempre lhe dará aquele aspecto angelical e inocente. O trovão estala no céu, e eu já não dou a mínima para o fato de ela estar chateada ou não. Eu quero entrar naquela piscina.

Vou até a geladeira e pego um sanduíche da bandeja; em seguida, retiro uma faca do faqueiro e divido o pão pela metade antes de sair da cozinha. Dou uma mordida, ainda segurando a faca com a outra mão.

Davis nota minha presença e endireita a postura na mesma hora, jogando o cigarro fora. Eu encaro Winter, seu corpo longilíneo se arqueando, curvando e me seduzindo, do jeito que só ela é capaz de fazer. Meu pau fica duro e pressiona o zíper da calça, e dou um olhar de relance para o cara. Posso apostar uma boa quantia de que ele está de pau duro também.

Davis pigarreia, antes de dizer:

— Você disse que devíamos ficar de olho nela o tempo todo.

Dou mais uma mordida e arrasto a lâmina pela cerca de ferro forjado, limpando a mancha de mostarda.

— Com licença, senhor. — Vejo-o abaixar a cabeça pelo canto do meu olho, e se virar para sair.

No entanto, eu o impeço.

— Me dê o seu cinto.

— Não entendi, senhor.

Eu enfio a faca no vaso de flores à minha frente, esfaqueando a terra escura.

Ele pigarreia outra vez, e ouço o tilintar da fivela enquanto ele rapidamente solta e retira o cinto.

Davis o estende na minha direção.

— Se você voltar a insultar minha esposa dessa forma — digo —, vou levar meu filho para pescar e usar a porra dos seus olhos como isca.

— Sim, senhor.

Não é culpa de Winter. Ela está na casa dela, tarde da noite, e devia

estar imaginando que teria privacidade.

Arremesso o resto do sanduíche entre os arbustos e deslizo a ponta do cinto pela fivela.

— Vá para casa — ordeno.

Depois de apenas um instante, ouço a porta dos fundos abrindo e fechando, e sigo em direção ao *deck* da piscina, com o cinto em mãos.

Com a chuva, a escuridão e encoberto pelas árvores... eu a persigo calma e silenciosamente. É como se fôssemos crianças outra vez. Eu adoro me esconder com ela aqui fora.

Winter dança bem devagar, seus movimentos fluidos e lânguidos, sem acompanhar coreografia alguma. Ela ama dançar em estilo livre, e faz isso ao som da suave batida que vem da casa de hóspedes ao lado da piscina. Sua pele molhada brilha sob a parca iluminação da casa principal, e não desvio meu olhar dela enquanto retiro minhas roupas.

Deixo tudo em uma pilha no chão e pego o cinto de couro preto de Davis, enrolando-o na minha mão ao entrar na piscina. Ela para de se mover, gira a cabeça para o lado, aguçando os ouvidos, mas não se vira para mim ou diz qualquer coisa.

Ela sabe que sou eu.

Enfio a alça em meu pulso e atravesso pela água aquecida, reparando nas gotas brilhantes em suas escápulas à medida que a chuva atinge minha cabeça e braços.

— Tenho uma coisa pra você. — Inclino-me e roço sua orelha com a minha boca. — Você quer?

No entanto, ela afasta a cabeça.

Arqueio uma sobrancelha, apertando ainda mais o agarre no cinto.

— Você deve estar muito zangada — eu digo. — Eu ligo, você não atende. Envio flores, porra, Winter, flores do caralho, mas não recebo sequer uma mensagem de texto. Checo as câmeras de segurança, mas você simplesmente as desligou...

Ela se recusa a se virar para mim.

Deixo cair o laço acima de sua cabeça e puxo a alça, apertado, seu corpo se chocando contra o meu.

Ela ofega, e olho para baixo, vendo seus seios agitados com a respiração acelerada.

Inclino-me outra vez.

— O que fiz agora, hein? — rosno baixinho em seu ouvido.

Porém ela se vira bruscamente e o cinto escorrega da minha mão quando ela desliza pela piscina e se afasta de mim.

Ranjo os dentes, seguindo-a com o olhar. Ela se endireita em uma postura desafiadora, com as mãos estendidas à frente, acima da superfície da água, de forma que consiga sentir minha aproximação.

A alça do cinto se enrola ao redor de seu pescoço, a parte mais folgada caindo às suas costas, e por mais que não consiga ver seus olhos, percebo que seus lábios rosados estão entreabertos enquanto ela arfa por trás do tecido transparente e molhado.

— Não vai falar comigo? — Começo a circular à sua volta. — Humm... Eu devo ter feito algo muito ruim.

Seu cabelo adere a um de seus seios, e quase consigo sentir o gosto deles entre meus lábios.

E já não dou a mínima para o motivo de sua raiva, porque a quero em nossa cama nesse instante.

— Venha aqui — ordeno.

Mas ela se afasta mais ainda, sentindo minha aproximação.

— Venha aqui, Winter — digo com mais veemência.

Ela continua a andar em círculos enquanto eu faço o mesmo, a chuva dançando na superfície da piscina e espirrando em sua barriga. Cada pedacinho da sua pele está encharcado, e sinto minha boca secar na mesma hora.

— Agora.

No entanto, ela ergue um pouco mais o queixo, mantendo os lábios firmemente fechados.

Dou um sorriso sarcástico, e espero que ela possa ouvi-lo em minha voz, porque estou perdendo a porra da minha paciência.

— Sua irmã vinha quando eu a chamava — zombo.

E ali está. A fachada fria de Winter se desfaz. Seus olhos arregalam e se transformam em um olhar irritado quando ela avança e bate as mãos na superfície, de uma vez, para jogar água em mim.

Eu mergulho e a agarro quando ela se distrai, jogando-a por cima do meu ombro.

— Que garota encrenqueira... — repreendo, dando um tapa em sua bunda. — Por que eu não pude gostar das fáceis? Mas, não... eu tinha que desejar logo essa aqui.

Eu a seguro entre meus braços, mas ela arqueia o corpo para trás, me encarando com uma carranca enquanto empurra o meu peito.

Ponho minha língua para fora e lambo uma parte de sua barriga, sentindo o gosto da água. Um gemido escapa de seus lábios, mas ela vira a cabeça para o outro lado, em uma atitude desafiadora.

Meu pau já está mais do que pronto, mas é engraçado... Quanto mais puto ela me deixa, mais eu adoro esse momento, em segredo. Eu gosto quando as coisas não são fáceis. Abocanho um pouco de pele entre meus dentes, olhando para cima e deparando com seus olhos fechados, enquanto ela crava as unhas nos meus ombros.

— Grite comigo — sussurro. — Esbraveje. Me bata.

Agarro sua bunda com as mãos, mantendo o olhar focado nela à medida que arrasto a boca pela curva inferior de seus seios.

— Você está brava comigo? — digo contra sua pele, vendo os mamilos intumescidos por minha causa.

Ela não diz nada.

Meus lábios roçam seus seios enquanto continuo a provocá-la:

— Você quer ir embora para encontrar um homem decente?

Ela não deseja ninguém mais. É melhor que não queira outra pessoa. Ela gosta quando eu me comporto mal. Ela gosta de mim, e ponto-final.

Ainda assim, ela não me responde, mas também já não tenta me afastar.

Dou um sorriso zombeteiro.

— Você quer me tocar?

Quando continua em silêncio, eu a movo para o outro braço e agarro a ponta do cinto às suas costas com a mão livre. Eu puxo e forço seu pescoço a inclinar para trás, e então capturo um mamilo entre meus dentes.

Ela ofega.

— Damon...

Mordisco com força e abocanho seu seio, chupando gostoso e

sentindo seu clitóris latejar contra a minha barriga.

— Você me odeia? — brinco, caminhando até a parte mais rasa da piscina e colocando-a de pé. — Você quer acabar tudo comigo? É isso?

Eu a empurro contra a parede, vendo um sorriso curvando seus lábios antes de ela rapidamente tentar escondê-lo.

— Você odeia o que faço com você?

Ela morde o lábio inferior, respirando profundamente.

Eu a faço se virar, enlaço sua cintura com o meu braço e a imprenso contra a borda da piscina, meu hálito quente soprando seu cabelo. Meu pau está tão duro, que já sinto o pré-sêmen gotejando.

— Fale comigo — insisto.

Puxo seu queixo na minha direção e cubro sua boca com a minha por cima do tecido, e uma corrente elétrica atravessa meu corpo inteiro quando sinto a ponta de sua língua roçar meus lábios, mas não consigo sugá-la, por causa daquela porra de tule. Meu corpo todo está em agonia. Eu preciso dela.

— Fale comigo — sussurro contra sua boca. — Por favor.

Ela permanece em silêncio.

Mordisco seus lábios, e deslizo minha mão pela sua bunda, provocando aquele ponto que sempre a deixa um pouco apavorada.

Ela estremece quando a empurro para frente e a obrigo a abrir a perna e apoiar o joelho em um degrau. Ela se reclina contra o *deck* da piscina enquanto esfrego seu clitóris com uma mão e sua bunda com a outra. Meu pau, obviamente, sabe a direção que deve tomar, e pressiona contra sua entrada apertadinha.

Vejo-a engolir em seco.

— Fale comigo — advirto. — Se quiser que eu pare...

Então você vai ter que pedir.

Sua mandíbula flexiona à medida que ela mantém a boca fechada, e nem sequer estou zangado. Eu não quero mais parar. A chuva cai à nossa volta, e eu me inclino contra suas costas, chupando as gotas de água que deslizam livremente enquanto meu pau cutuca mais ainda sua entrada. Ela geme baixinho quando pressiono contra o buraco apertado e paro.

— Damon — ela ofega, o queixo tremendo nervosamente por conta do que estou fazendo. — Damon...

Mas cubro sua boca com a minha mão e a puxo contra mim, suas costas arqueando de um jeito lindo pra caralho, e não estou nem na metade dentro dela ainda.

— Você teve a sua chance — sussurro em seu ouvido. — Agora é a minha vez.

Lentamente, deslizo o restante do caminho, indo com calma tanto por mim quanto por ela. Ela precisa se ajustar ao meu tamanho, mas ela é tão apertada que é capaz que eu acabe antes mesmo de começar.

Eu me enfio até o talo, sentindo a pele fria de sua bunda contra a minha virilha, e paro por um instante para que ela se acostume com a sensação. Seu corpo estremece entre meus braços, mas assim que sua respiração se tranquiliza, começo a me mover.

Deslizando para dentro e para fora, superficialmente, a princípio, sinto seus músculos contraírem ao meu redor, e já estou de pernas bambas. Estou pouco me lixando para o que fiz. Eu pegaria, na maior satisfação, um voo de oito horas por isso aqui. Tudo o que ela tem que fazer é pedir.

Depois de um minuto, sinto seu corpo recuar, contra o meu, e

afasto minha mão de sua boca.

— Não fale nada — eu digo. — Só aceite.

Agarro seu quadril com uma mão e o cinto com a outra, e fodo aquela bundinha apertada, me livrando de toda a frustração que ela me causa e que tanto amo. Eu beijo e mordo seu pescoço e lábios, devorando-a com vontade enquanto afundo meu corpo contra o dela e me deleito com seus gemidos.

— Homens decentes não fazem isso — comento. — Mas é por isso que sempre quis essa garota aqui. Ela é diabólica, exatamente como eu.

Ela crava as unhas no *deck* da piscina, o pescoço inclinado para trás por causa do cinto, e quando olho para baixo, vejo meu pau entrar e sair, quase encoberto pelo cabelo molhado que alcança sua bunda.

— Mais forte — ela geme.

Seguro sua mão e a coloco em seu clitóris, vendo seu braço mover com rapidez à medida que ela mesma se acaricia enquanto a fodo.

Ela geme mais alto, e sinto seu corpo estremecer, e arremeto com mais força, puxando o cinto o máximo que consigo.

Ela grita, e em apenas mais três estocadas eu faço o mesmo, cada um dos meus músculos queimando de pura exaustão.

Ah, meu Deus. Meu corpo inteiro se acende, minha alma explode em êxtase, e solto o cinto, deixando-a tombar para frente antes que eu quebre seu pescoço. Ela se deita na borda da piscina, gemendo e arfando, e afrouxo o aperto de meus dedos em seu quadril, descravando as unhas de sua pele.

Ela dá um gemido angustiado quando deslizo para fora de seu corpo, mas não me afasto muito mais que isso. Ao invés, eu me inclino e recosto minha testa contra suas costas.

— Eu te amo — afirmo.

Ela não responde, e estou fraco demais para continuar fingindo.

— Okay, tudo bem — admito. — Sim, talvez eu tenha ameaçado seu coreógrafo com... — Procuro as palavras certas para não a deixar mais brava ainda — a possibilidade de arrancar cada um de seus membros. Eu não gosto de vê-lo colocando as mãos em você. Só eu posso colocar minhas mãos aí.

Ele não precisava segurá-la no alto e com as mãos tão para cima e por dentro de suas coxas, pelo amor de Deus... Estou pouco me lixando para o nome desse tipo de passo com levantamento e não dou a mínima se ele é gay. Não, senhor.

— Todos eles precisam saber, caralho... — explico. — Eles têm que te respeitar, e a mim também, para que quando Ivarsen for mais velho, ele não precise lembrá-los disso do pior jeito. — Eu aprumo a postura e a faço se virar para mim, enrolando suas pernas ao redor da minha cintura enquanto flutuamos de volta para a parte mais funda da piscina. — A única pessoa que consegue deixar o pai de Ivar Torrance de joelhos, é exatamente sua mãe.

Eu quero que todos me respeitem. Ele não toca a minha mulher daquele jeito, e se para isso eles precisarem ter medo de mim, tudo bem.

Ela curva o canto da boca de um lado só, parecendo nem um pouco impressionada, mas pelo menos já não está com raiva.

Acaricio seu nariz com o meu.

— Me perdoa?

Ela suspira, até que lentamente assente.

Eu sorrio, aliviado.

— Então fale comigo...

No entanto, ela nega com um aceno de cabeça.

Eu rosno e a solto, me afastando em seguida.

— Então, se não é por isso que você está com raiva, que caralho eu fiz dessa vez? — Dou um tapa na água. — Puta que pariu!

Ela se ajeita e dá uma resposta neutra:

— Você ganhou a aposta.

Em seguida, ela se vira, vai até a beira da piscina e sai.

A aposta...

Leva apenas um instante para eu entender do que ela está falando. A aposta. Meu peito estufa, e um sorriso se espalha pelo meu rosto antes de eu mergulhar até a borda da piscina para alcançá-la.

— E você me deixou te foder desse jeito? — repreendo, impulsionando meu corpo para cima e erguendo-a em meus braços novamente.

Ela me enlaça com as pernas e braços, e olho para seu rosto lindo enquanto ela se livra do tecido e do cinto ao redor do pescoço.

— Sim, porque eu precisava disso — ela admite, parecendo um pouco envergonhada. — Você sabe muito bem que eu fico louca de tesão no primeiro trimestre.

Dou uma risada e a abraço com força. Nunca imaginei que seria bem-sucedido. Depois do nascimento de Ivarsen, eu só quis continuar a produção. Ter filhos nos nossos vinte e poucos anos, criá-los nos trinta, e enviá-los para a faculdade em nossos quarenta, quando ainda fôssemos jovens o bastante para usufruir da casa só para nós, curtindo um pouco de safadeza, entende?

Mas ela leu em algum lugar que crianças talentosas geralmente são filhos únicos, ou têm uma diferença de cinco anos ou mais entre os irmãos. Ela queria que Ivar tivesse nossa completa atenção durante sua primeira infância, ou uma merda dessas.

Daí, eu fiz uma aposta. Ela ficaria grávida se eu pudesse engravidá-la. Mesmo que ela estivesse usando contraceptivos.

Eu sabia que era uma espécie de Superman.

— Você está brava por estar grávida de novo? — zombo.

— Estou brava por ter perdido a aposta — ela retruca.

Eu a beijo com vontade.

— Você realmente acha que não vou te deixar ter qualquer coisa que quiser?

Ela sorri.

— Sério?

— Você quer uma moto, então você vai ter uma moto.

Seu rosto se ilumina com o sorriso lindo e animado que ela dá, e é a melhor coisa que já vi na vida. Mal posso esperar para levá-la, no meio da noite, para um passeio pelas estradas desertas.

Depois que o bebê nascer, é claro.

— Eu te amo — ela finalmente diz.

— Que bom.

Eu a coloco de pé e ambos entramos na casa de hóspedes ao lado da piscina e pegamos as toalhas esticadas abaixo do toldo.

— E para ser justa, eu não estava tentando encurtar sua viagem — ela explica. — Eu sinto muito. Eu só estava tentando te deixar pau da vida para que viesse me perseguir quando voltasse para casa.

Um sorriso malicioso se espalha pelo seu rosto.

Honestamente, eu já nem me importo mais. Michael e Kai são capazes de cuidar de todas as reuniões, e eu adoro os joguinhos angustiantes que eu e Winter fazemos. Quando estávamos na cama – ou na piscina –, era como se nunca tivéssemos saído do colégio. Ainda éramos adolescentes com um tesão eterno, e eu me sentia vivo novamente.

Enrolo uma toalha ao redor da minha cintura.

— Ele tem se comportado?

— Sim. — Ela assente. — A babá queria dar a ele um pedacinho de chocolate, para ver qual seria a reação, mas falei que era para esperarmos você chegar.

Cacete. Primeira vez comendo um chocolate? Isso é marcante.

Winter ficou receosa em contratar uma babá a princípio, sentindo-se culpada por não dar conta de tudo sozinha, mas foi uma boa decisão. Isso nos dava um pouco mais de tempo a sós, aqui e acolá.

Ela se cobre e eu seguro sua mão.

— Vamos... Eu quero vê-lo.

Sei que ele está dormindo, mas já havia se passado uma semana. No entanto, ela estaca em seus passos, nos fazendo parar.

— Ele, hum...

Eu a encaro e já começo a sentir uma tensão imediata.

— O que foi?

— Ele, hum... — Ela engole em seco. — Não está aqui.

Como é que é?

— Ele não está aqui? — repito. — Ele tem um ano de idade, Winter. Onde ele está?

Ela se move, inquieta.

— Rika queria ficar com ele esta noite.

— Rika... — replico. — E ela o levou até Meridian?

Winter desvia o olhar para outro lado, dizendo tudo o que preciso saber.

Aceno com a cabeça e agarro sua mão, levando-a de volta para casa.

— É claro que não.



Minutos depois, estamos no carro e acelerando pela estrada, em direção à mansão dos Fane. Eu não acredito que elas fizeram isso enquanto eu estava fora. Se não tivesse voltado para casa esta noite, eu ficaria sabendo dessa façanha?

Winter está sentada ereta, usando uma calça jeans e um suéter azul-marinho, o cabelo penteado e preso em um rabo de cavalo apertado e seu rosto está voltado para o meu.

— Não fique bravo comigo.

— Você sabe como me sinto a respeito disso — resmungo, agarrando o volante com força. — Ninguém mais está do meu lado. Nem mesmo a Nik. Você tem que me apoiar nesse assunto.

— Eu apoio — ela se apressa a dizer. — É só que... eu não sei. — Um ar culpado domina seu semblante. — Eu só acho que senti pena dela. Rika disse que ficaria lá o tempo todo. Eu não arriscaria a vida dele, Damon.

A “avó” dele é o perigo.

Quero sentir raiva de Winter. Ela, acima de qualquer pessoa,

deveria estar ao meu lado. Ela sabe o porquê não quero Ivarsen perto de Christiane, e é por uma boa razão, porra.

Mas, em contrapartida, sempre dou um jeito de aparecer e dar uma lição no coreógrafo dela, também confiro se o antigo colega dela, o tal Ethan, perdeu o interesse em fotografias.

Mas estamos falando do nosso filho, cacete. Elas não podem tomar decisões a respeito dele sem a minha presença. Rika não tem que enfiar o nariz onde não é chamada.

— Você sabe que ela não tem como se redimir se você não lhe der uma chance — Winter salienta.

— Ela teve uma chance.

Depois de uma breve pausa, Winter acrescenta:

— Sim, e nós também. — Sua voz é sombria enquanto ambos encaramos o para-brisa. — Ainda bem que decidimos dar uma chance ao outro outra vez.



Atravesso a casa imersa em penumbra, segurando a mão de Winter, e avisto Rika parada do lado de fora da biblioteca, espiando por trás das janelas das portas fechadas. Algumas pessoas estão ao seu lado, e acelero os passos, vendo Christiane, por trás dos vidros, sentada em uma cadeira, com Ivar aninhado em seus braços. Um homem está na sala, lhe fazendo companhia, lendo calmamente no sofá enquanto ela nina meu filho.

Estendo a mão e agarro a maçaneta, mas Rika se vira e se posta na minha frente, cobrindo minha mão com a dela.

— Saia da frente.

— Ela não está fazendo nada de mal a ele.

— É isso aí. E não vai fazer mesmo.

— Damon, se acalme — o cara perto dela diz.

Olho por cima da cabeça de Rika e avisto o primo de Will, Misha.

Eu o encaro, irritado.

— Vá se foder.

Winter grunhe baixinho ao meu lado, e uma outra garota ao lado de Misha comenta:

— Ah, então esse é o Damon.

No entanto, volto a olhar para Rika, fumegando de raiva.

Ela me encara, sem desviar o olhar.

— Misha? — ela diz. — Vocês poderiam nos dar licença rapidinho?

Isso aí, faça o favor. Cai fora daqui.

Winter se solta do agarre da minha mão.

— Misha, você poderia me levar ao solário? — ela pergunta a ele, e então emenda: — Vou deixá-los a sós. Sinto muito, Rika.

— Eu que peço desculpas por ter te colocado no meio disso, Winter — Rika diz.

Eles saem dali, e tento afastá-la para passar, meu olhar se desviando dela para Ivar.

— Aquele bebê não absolve sua culpa. — Rika se posta na minha frente outra vez, tentando atrair meu olhar. — Ele não apaga o seu passado e não o torna melhor do que ela.

Eu a encaro, pau da vida e digo, entredentes:

— Sai da frente.

Mas ela não se move um centímetro.

— Você me amarrou numa cama — ela diz. — Me beijou, me mordeu. Mesmo me vendo chorar, desesperada.

A lembrança de todos os momentos em que tentei machucá-la — que realmente a machuquei — se infiltra em minha mente, mas eu a afasto.

— Você queria me compartilhar com seus amigos — ela continua. — Me queria para si mesmo por um tempinho, lembra disso?

Meu estômago dá um nó. Mas que porra?

— Eu, sua irmãzinha... — ela zomba.

Agarro seu braço e a afasto das portas, empurrando-a contra a parede.

— Não fale sobre essa merda — sussurro, fervilhando de ódio. — Nunca mais quero ouvir você tocar nesse assunto outra vez.

— Você me jogou no chão e tentou arrancar as minhas roupas...

Eu recuo e enfio a mão no meu cabelo, puxando com força. Mas que porra? Achei que estávamos numa boa. Por que ela está fazendo isso?

— Eu não te queria — ela prossegue —, mas você me forçou a beijá-lo do mesmo jeito.

Agarrando-a pelo pulso, a levo até a cozinha, seus pés descalços pisando com força no piso de madeira. Eu a imprenso contra a parede e a encaro.

— Eu nunca teria feito nada — rosno, já sem conseguir manter o tom de voz baixo. — Eu nunca te machucaria!

— Eu sei.

Ela responde tão rápido e com tanta facilidade que quase hesito, porque estava esperando que argumentasse mais.

Ela sabe. Ela sempre soube.

Bom, pelo menos isso. Mas, ainda assim... ela não pode comparar Christiane comigo. Não somos da mesma laia. Sim, eu cometi uma porrada de erros, mas não sou um pai ruim, e isso é a pior coisa que alguém poderia ser.

E ela foi uma péssima mãe por vinte e três anos consecutivos. Ela não somente abandonou seu filho, mas também me colocou aos cuidados de gente perversa.

Cometi meus erros quando era mais novo. Quando estava zangado. Quando me sentia... sozinho.

Não sou mais nenhuma dessas coisas.

O que Christiane poderia alegar em seu favor, hein?

— E sei que você nunca vai me machucar — Rika diz, os olhos agora marejados e mais suaves. — Eu confio em você. Então, confie em mim.

Estreito o olhar, uma parte minha querendo conceder o que ela quer. Nada mais justo, e eu quero confiar nela. Mas ela é boa demais em conseguir extrair as coisas de mim. Em sacrificar sua rainha para conseguir capturar o meu rei.

Nós nos encaramos, suas palavras pairando no ar, mas então escuto o toque de um telefone e ela leva a mão ao ouvido, dando um tapinha suave em um fone minúsculo.

— Erika Fane — ela atende ao telefonema, ainda me encarando. — Charles, que bom falar contigo.

Um brilho ilumina seus olhos, e fico ali parado, enquanto ela se mantém colada à parede, me observando o tempo todo em que conversa.

— Sim, meu assistente enviou o itinerário. Mal posso esperar. —
Ela sorri.

Os nós no meu estômago lentamente começam a se desfazer, minha respiração se acalma enquanto a aguardo.

Charles... itinerário... Ela tem estado ocupada, tentando finalizar sua graduação e atuando como a prefeita da cidade. É bem impressionante, na verdade. Colocar Rika nesse cargo foi a melhor ideia que já tive.

— Ah, tenha certeza de que nossos futuros ex-alunos estarão em boas mãos — ela diz à pessoa com quem está conversando. — Estarei lá bem cedo. — Ela ri e ouço uma voz masculina do outro lado da linha. — Ah, pois é, você me conhece. Estou sempre preparada.

Eu a observo, tão graciosa e educada. Uma verdadeira jogadora.

— Não, Michael está em Londres — ela informa. — Mas deixe o lugar dele reservado. — Ela olha para mim. — Pode ser que eu leve um acompanhante.

Quase dou uma risada debochada. Ela se referia a mim?

A cadela simplesmente se apossou do meu rei. Ela sabe que quero muito isso. Acompanhá-la em um evento em Thunder Bay, fazendo uma aparição pública em um evento respeitável. Tendo minha mulher, meus filhos e minhas irmãs ao meu lado, enquanto lentamente construo minha família e nosso mundo, para que quando meu filho – meus filhos –, sejam maiores o suficiente para se lembrar, não saibam que tudo aconteceu de forma diferente.

Ela realmente confia em mim. Meu Deus, não faço ideia do porquê, mas... ela me deixou ir, quando poderia ter me entregado. E então, ela me resgatou e sangrou por mim, lutou ao meu lado...

— Eu sei o que você faz com pais que te machucam — ela diz,

finalmente, voltando à nossa discussão. — Você acha que eu a colocaria em seu caminho se não tivesse certeza?

Minha boca se curva para um lado, em um sorriso zombeteiro.

— Você tem medo de mim?

— Nossa, muito... — Ela acena exageradamente.

Começo a rir e me viro, me acalmando um pouco enquanto vou até a pia e encho um copo d'água.

Tomo tudo de um gole só, vendo-a tirar algumas coisas da geladeira.

Ela prende o cabelo em um coque e pega uma fatia de pão, colocando um pouco de salada de atum nele. Uma pontada de fome me atinge com o cheiro, e percebo que tudo o que havia comido no dia de hoje fora apenas aquela metade de sanduíche, meia hora atrás. Eu paro ao seu lado e pego uma fatia também, colocando a mesma salada no pão.

— Charles — repito o nome da pessoa com quem ela estava conversando — Kincaid?

Nosso antigo diretor, que ainda mantém o cargo na Escola Preparatória de Thunder Bay, e que ajudou o pai de Winter a acabar comigo na manhã em que fui preso?

Rika sorri para si mesma, e a vejo pegar a única fatia de pão cheia de salada, dobrando tudo ao meio e arrancando a casca de um lado. Vacilo por um instante, desviando o olhar para o meu próprio sanduíche, que se encontra dobrado do mesmo jeito. Humm...

— Farei o discurso de boas-vindas, amanhã, aos alunos do último ano — ela explica, dando uma mordida.

— E Michael e Kai estão em Londres — acrescento —, tentando

contratar aquele arquiteto.

Eu estava lá também. Até que Winter decidiu bancar a engraçadinha.

O que significa que Rika não tem ninguém para acompanhá-la, a não ser eu.

Ela vai até a bancada central da cozinha e se senta em uma banquetta, apoiando os cotovelos no balcão.

— Quero dizer, você não tem que me acompanhar — explica. — Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma. E os Anderson estarão lá, isso sem mencionar o Kincaid, que ainda te odeia, então...

Ela estava tentando me deixar animado?

— Talvez sua aparição lá acabe causando alarde. — Ela finge um suspiro, soando até mesmo desolada. — E eu sei que você gosta de passar despercebido.

Dou uma risada irônica, arrancando a casca do pão. Ela é tão boa quanto Winter em me sacanear, mas não posso dizer que não me divirto com isso.

No entanto... eu também sei que ela quer uma demonstração de confiança.

Não quero Ivarsen perto da mãe de Rika, mas não estou tão certo se a razão é por não confiar nela.

Talvez eu queira puni-la. Talvez esteja com ciúmes porque ele vai receber aquilo que não tive a chance de ter.

Encaro o sanduíche que já nem quero comer, sentindo meu estômago revirar com a queimação da bile na garganta.

Se quero manter o relacionamento com Rika, e tê-la na vida dos

meus filhos, não há como evitar a presença constante de Christiane. Não quero ter que explicar por qual motivo eles não podem vê-la e frequentar sua casa.

Tudo bem, porra.

— Ele pode ficar aqui esta noite — digo, por fim —, e daí nós vamos ver como as coisas ficam.

Ela permanece em silêncio, mas vejo pelo canto do olho que está me encarando.

— Qualquer coisa além disso tem que passar pela minha aprovação. — Eu a encaro. — Entendeu?

Ela assente.

E se Christiane me decepcionar, ela vai se encontrar com o Criador antes de conhecer qualquer outro filho meu.

Largo o sanduíche em cima do balcão e encho meu copo com mais água, pois preciso tirar o gosto amargo da boca.

— Winter está grávida de novo, não está? — Rika pergunta, dando mais uma mordida.

— Como você sabe?

Ela dá de ombros.

— Ela tem estado cansada, com náuseas.

Bom, isso explica o porquê de ela ter desligado as câmeras de segurança. Ela não queria que eu a visse passando mal. Observo a garganta de Rika se mover para cima e para baixo enquanto engole o pão, e sua mandíbula contrai como se ela estivesse imersa em pensamentos.

Tomo mais um gole da água e despejo o restante na pia.

— O quê?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Conclave"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).